

## Sinceridade como conceito

Christine Tichatschek

*A partir de 8 de junho encontra-se novamente em Kassel a cena artística internacional. Christine Tichatschek entrevista Okwui Enwezor, curador-chefe da Documenta 11.*

*Conceito de plataformas, prazer na arte, público ideal.*

**Christine Tichatschek** *Como nigeriano de nascimento, o senhor é o primeiro não europeu a chefiar uma Documenta. Pode-se dizer com isso que o senhor nos apresentará a arte sob uma perspectiva absolutamente nova?*

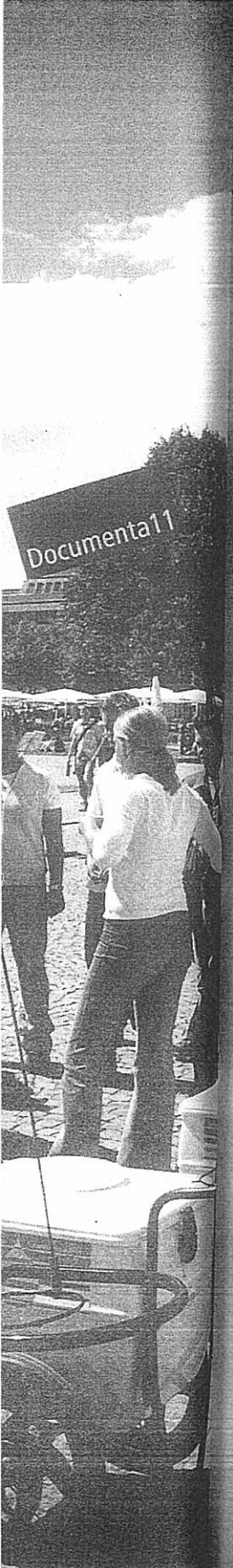
**Okwui Enwezor** Essa suposição não é totalmente falsa. Que eu nasci na Nigéria, está impresso em minha identidade cultural. É certo que vivi grande parte de minha vida fora da Nigéria, mais da metade nos EUA e na Inglaterra, como também em outros países, a África do Sul entre eles. Acho que a Documenta sempre abre novos pontos de vista que podem servir como perspectiva ao que nossa percepção escolhe e determina como arte contemporânea. A nós, a equipe da Documenta 11, interessa investigar em que condições a arte atual, em suas múltiplas formas de expressão, se dá e se apresenta. Desejamos servir como intermediários para uma visão aberta da arte. Autêntica e atual, mas, ao mesmo tempo, profundamente analítica em confronto com o sistema histórico-político em que se realiza. Pretendemos mostrar obras que se oponham ao lugar-comum. Toda obra de arte se basta e possui linguagem própria, que impossibilita o acesso de outras disciplinas.

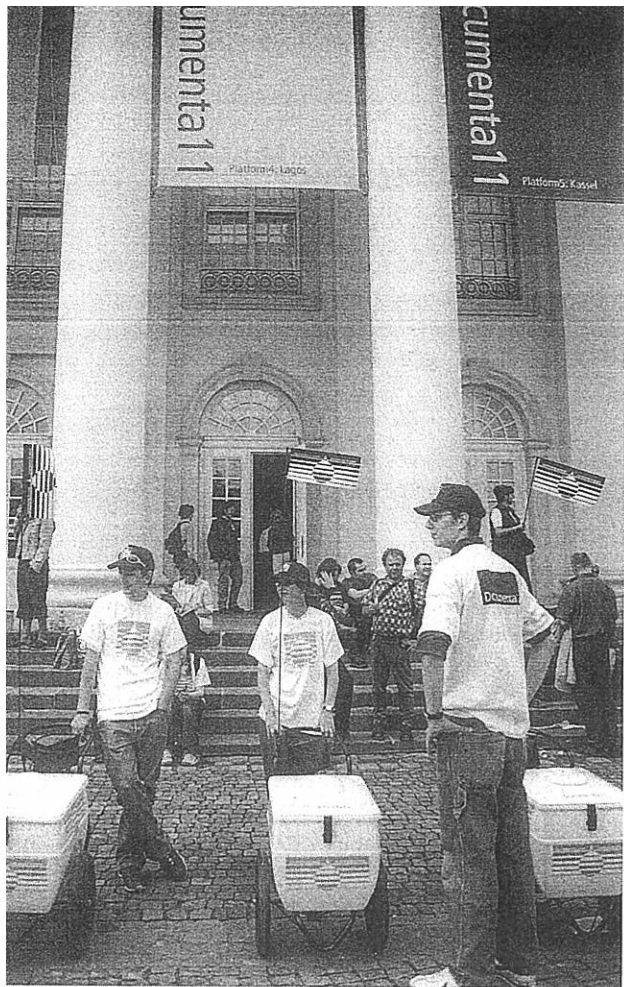
**CT** *A Documenta 11 divide-se em cinco plataformas, sendo a exposição de Kassel a número cinco. As outras foram realizadas em Berlim/Viena, Nova Délhi, Santa Lúcia e Lagos. Lá, experts, ativistas e artistas debateram as seguintes questões: 1) democracia como processo incompleto; 2) experiências reais logo após o término do sistema totalitarista; 3) inchaço urbano, crise e transformações, tomando como exemplo quatro estados africanos; e 4) 'criolização'. O que o senhor desejou alcançar com essas quatro plataformas?*

**OE** Em princípio as quatro plataformas serviram como rumo para a objetivação do que determinamos como base intelectual desse projeto. Elas deveriam mostrar em que medida a força da colocação de problemas na arte, hoje, e a indústria cultural estão intimamente ligadas. As plataformas serviram para produzir a ligação entre diferentes disciplinas e para a formação de pensamento crítico, necessário para que se possa entender o que faz a arte contemporânea. Elas podem nos ajudar a encontrar acessos na estrutura da arte moderna, ampliar nosso quadro discursivo, repensar pontos de referência para a orientação entre a arte contemporânea e o passado.

**CT** *E funcionou?*

**OE** Todo projeto intelectual, e especificamente um projeto da dimensão da Documenta, demora muito para ser reconhecido e trabalhar o que foi intermediado. Antes de mais nada, ganhamos muito com a incrível generosidade de todos os participantes, a sinceridade dos filósofos, dos historiadores, dos ativistas e dos artistas que participaram dessa proposta para articulação e análise dos processos da vida moderna. O engajamento das pessoas durante esses eventos foi absoluto. Acredito não ser simplesmente a arte, mas a instituição Documenta a quem se deve agradecer pela produção desse novo conteúdo para a exposição. Veremos nos próximos anos se isso funcionou ou não.





**CT** *Por que se deve visitar a Documenta 11?*

**OE** Por que se lê jornal pela manhã? Por que se deve ir ao cinema? Na verdade, isso se refere a confrontações pessoais com idéias, consigo mesmo, com a real identidade do homem. Nossa abertura para formas de troca e construção de relações certamente constitui nosso ser coletivo. Por que se deve visitar a Documenta 11? Porque nós lhes apresentamos algumas perspectivas extraordinárias. A Documenta vem dando provas históricas de ser importante fórum de desafio à discussão, local em que artistas foram e são lançados. Se nós realmente nos entendemos como habitantes de um espaço global, em que transformações não param de acontecer, então está aí mais um motivo para, entre 8 de junho e 15 de setembro, ir a Kassel.

**CT** *É necessário algum tipo de formação para se visitar a Documenta 11?*

**OE** Se posso citar minha amiga Sarat Maharaj, "para se entender o mundo são necessárias muitas formas de

inteligência". Algumas têm a ver com intuição, outras, com conhecimento, outras, ainda, com experiência de trabalho. Eu acredito que todos podem levar algo dessa exposição e talvez colocar para si mesmos algumas questões. A exposição não tem nada de mística e nem foi feita para iniciados. Vivemos em um mundo aberto, e isto é parte de nosso conceito: abertura para o grande público – também com as plataformas – em vez de limitar o sistema à logística da apresentação artística.

Também esperamos que crianças venham à Documenta. Minha filha tem dois anos e meio e me acompanha em exposições. Ela tem um incrível prazer com formas que se movem. Tenho certeza de que ela pode absorver alguma coisa daquilo que está exposto; se assim não fosse, como se explicaria tal envolvimento?

**CT** *Pode-se ter prazer com arte?*

**OE** A arte dá sempre prazer – se se deseja, claro [ri]!

**CT** *Existe uma linguagem artística que lhe provoque especial prazer?*

**OE** Ontem à noite li o protocolo de uma conversa entre o escritor nigeriano Chinua Achebe e a escritora e prêmio nobel norte-americana Tony Morrison. No final da conversa foi perguntado aos dois escritores que livros levariam para uma ilha deserta. Tony Morrison disse que, como escritora, se vê em primeira instância como leitora e que só o fato de ler lhe dá capacidade para



escrever. Por isso levaria para essa ilha deserta apenas uma folha de papel em branco e talvez assim lá escrevesse o livro que lá gostaria de ler. Comigo acontece algo parecido – não que eu me queira colocar no lugar do artista. Para mim, a interação com o artista se dá a partir da posição em que a maior quantidade de facetas de sua criatividade artística possa ser observada. Acho impressionante, por exemplo, oposições e frustrações, coisas que eu não entendo e que talvez nunca vá entender, mas que mantêm meu interesse desperto... ou arte e dissonância. Como curador tenho interesse permanente em manobras críticas que se realizam em locais chamados obras de arte. Dessa maneira a arte me dá prazer.

**CT** *Os seis curadores que, junto com o senhor, desenvolveram esse projeto são de procedência norte-americana, sul-africana, inglesa, alemã, argentina e espanhola. Parece que não se deu importância ao leste europeu...*

**OE** A origem geográfica dos curadores não tem nada a ver com o porquê de trabalharmos juntos. Eu os convidei por suas idéias, pela complexidade de suas questões, pela cultura visual que possuem, como também por seu específico conhecimento de arte, por causa de sua abertura perante novas discussões e pela disposição em contribuir com diferenciado entendimento para o projeto no qual nós trabalhamos juntos. As pessoas com as quais nós trabalhamos são primeiramente pessoas, depois membros dos países a que pertencem.

**CT** *O senhor falou sobre o grande significado da localização geográfica, do lugar de onde a obra procede. Por outro lado, o senhor defende a posição de que aspectos de natureza nacional não são importantes...*

**OE** Pode parecer contraditório, mas não é. Pela fragilidade dos estados nacionais, é melhor que as obras, propostas e idéias não se limitem a nacionalidades ou fronteiras de países. Por outro lado, idéias não aparecem do nada.

Entendo por aspectos geográficos não competências nacionais, mas um nível acima dos pressupostos geográficos. A maneira pela qual se tem acesso e se definem as temáticas e a história de nosso tempo. Assim como se eu lhe falasse sobre regiões geograficamente definidas, mas essas regiões não fossem apenas locais geográficos, mas áreas de análise científica.

**CT** *Quem nomeou os artistas: o senhor? seus co-curadores? ou todos juntos?*

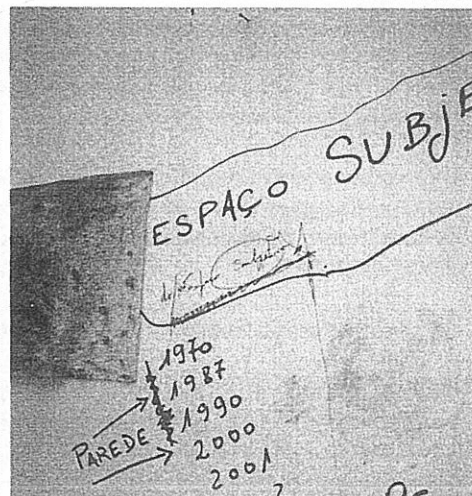
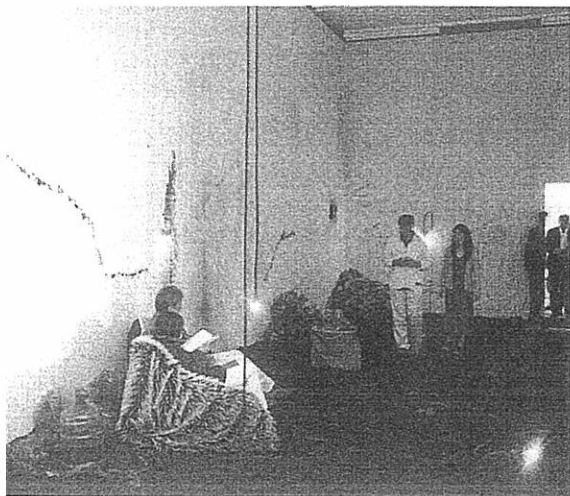
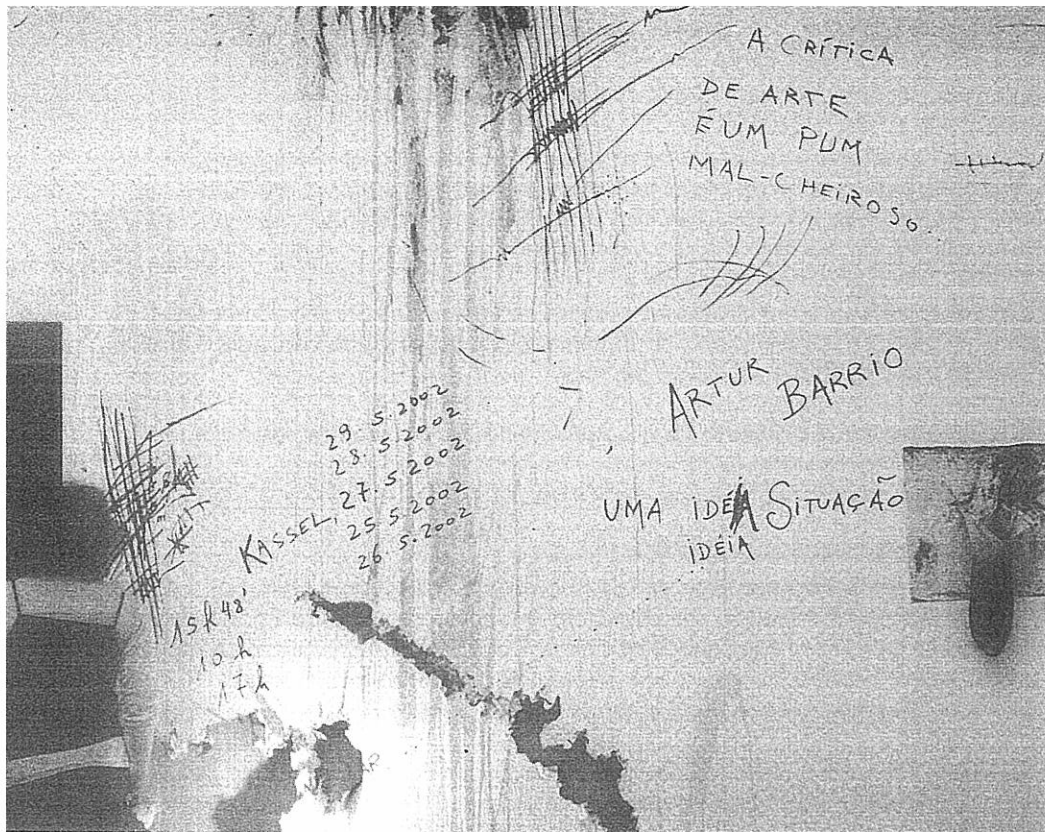
**OE** Nós, juntos. E eu digo isso com total modéstia. É muito difícil colocar em palavras... Trabalhar em grupo é para mim até agora a mais excitante forma de experiência intelectual, sobretudo pela intensa troca de idéias. Na avaliação, análise e crítica de nosso trabalho comum, fomos sempre mutuamente produtivos a fim de poder garantir a integridade do projeto. Trabalhamos juntos em todos os níveis da plataforma um até a cinco.

**CT** *Mas a responsabilidade é toda sua.*

**OE** Naturalmente. E isso é o mais difícil nesse trabalho.

**CT** *Como o senhor age se existem pontos de discórdia entre seu pensamento e o de seus co-curadores?*

**OE** Consenso não é o problema. Difícilmente coincidimos. Mas, afinal, sou eu o diretor-chefe, e isso nos leva de repente a nos confrontar com uma situação absolutamente banal de antidemocracia...



**CT** Há dois anos, em entrevista à revista *Spiegel*, referindo-se a seus planos para a Documenta 11, o senhor disse que o evento teria no máximo 20 artistas. Por que mudou a proposta?

**OE** Eu não mudei nada. É evidente que a revista *Spiegel* não entendeu a brincadeira e levou ao pé da letra [ri]. Uma Documenta nunca poderia ter apenas 20 artistas, pois só é realizada a cada cinco anos. É uma instituição singular. Não se trata aqui de publicidade ou promoção para artistas. A Documenta é parte do real, e esse tipo de evento exige outro princípio. O tempo de produção é enorme, e as plataformas puderam ser realizadas em diferentes pontos do planeta. Isso foi um enorme privilégio! Uma exposição dessa qualidade com apenas 20 artistas não seria só cinismo, mas também um luxo imperdoável. Eu não acredito que nossa perspectiva deva ser enciclopédica

ou universal, mas devemos propor um desafio aos artistas e ao público, como também apresentar nossa posição perante a mídia, posição que é múltipla e diferenciada por englobar diferentes áreas do conhecimento.

**CT** *Teremos na Documenta 11 alguns grandes nomes da arte contemporânea?*

**OE** Ainda que haja grandes nomes da arte contemporânea nessa Documenta, esse não seria o motivo de sua participação. É muito importante sempre lembrar ao público que um artista não é uma exposição e que um nome não é uma obra de arte. Não quero dizer com isso que proeminência seja algo ruim; eu tiro da pergunta qualquer juízo moral. Casualmente dá-se ao nome tão grande importância... Em vez de se dizer "Que bela pintura de Gerhard Richter!", diz-se "Oh! Gerhard Richter!". Essa equiparação entre artista e objeto para passar à identidade pública é muito incômoda.

**CT** *Existe um público ideal para a Documenta 11?*

**OE** Creio que uma exposição dessa dimensão só pode ser feita para um público normal e não para um público ideal. As diferentes posições colocadas nessa exibição só podem ser entendidas por meio de inteligência diferenciada e esforço crítico, a fim de perceber aquilo que lá está representado. Se eu tivesse escrito um livro de poemas, aí a coisa seria diferente. Aqui eu reconheço o quadro de limitações e as condições a ele internas. A Documenta é um projeto público que oferece a possibilidade de converter em realidade legível conceitos artísticos complexos. Para isso não existe público ideal.

---

Christiane Tichatschek é jornalista da revista *Mobil* - Berlim  
Tradução: Stanley da Silva